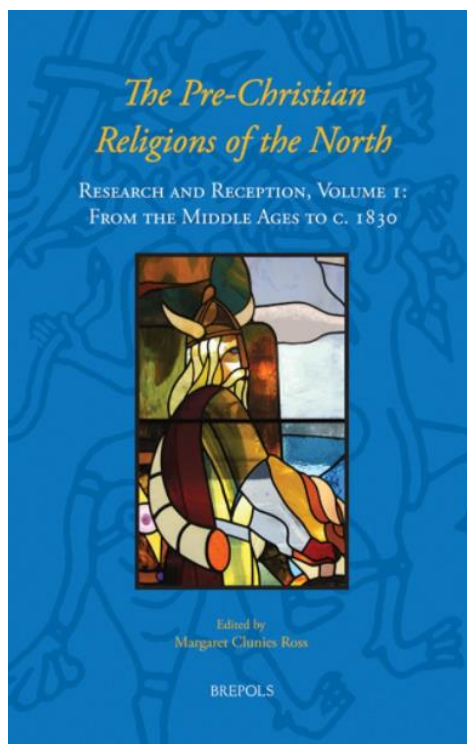


CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DA RECEPÇÃO DOS MITOS NÓRDICOS  
ANTIGOS

CONTRIBUTIONS TO THE STUDY OF THE RECEPTION OF OLD NORSE MYTHS



ROSS, Margaret Clunies (org.). *The Pre-Christian Religions of the North: research and reception. Volume I: from the Middle Ages to c. 1830*. Turnhout: Brepols, 2018.

*Andréa Caselli Gomes<sup>1</sup>*

*Pablo Gomes de Miranda<sup>2</sup>*

*Vitor Bianconi Menini<sup>3</sup>*

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos - NEVE. Membro do Observatório das Religiões do Recife. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8241-9283>; e-mail: [adea.caselli@gmail.com](mailto:adea.caselli@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos - NEVE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3421-8783>; e-mail: [pgdemiranda@gmail.com](mailto:pgdemiranda@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos - NEVE. Membro do Núcleo de Estudos em História Moderna do



Organizado por Margaret Clunies Ross, os dois volumes dessa obra tiveram como objetivo reunir grandes nomes da escandinavística que pudessem oferecer novas perspectivas sobre um tema já tão debatido e caro aos pesquisadores. Como alerta a própria organizadora na introdução, o desafio é justamente o de examinar as ideias pré-concebidas e as ideologias que levaram a diferentes recepções não só entre as sociedades antigas e medievais, mas também na contemporaneidade. Para este projeto germinado originalmente por Jónas Kristjánsson, falecido diretor do Instituto Árni Magnússon da Universidade da Islândia, Ross reuniu em eixos temáticos, com maior ou menor sucesso, debates que levaram em conta essa guia principal. As religiões pré-cristãs no Norte não são exclusivamente escandinavas, ou, escandinavas germânicas, mas frutos de complexas relações que congregam intrincadas redes de narrativas que possuem em comum não só os sujeitos nórdicos dessas religiões, bem como as produções de diferentes interlocutores que observam esses nórdicos com um olhar de curiosa alteridade.

Indiscutivelmente as duas primeiras partes do primeiro volume foram distribuídas dentro de um jogo de espacialidade que os leitores mais atentos talvez possam ver como conservadora. A primeira parte diz respeito a narrativas que, de diversas formas, representam perspectivas de interlocutores não-escandinavos, ou representando ideias que não são necessariamente “nórdicas antigas”, e esse detalhe é importante quando notamos que há um capítulo entre diferentes culturas escandinavas, mas de culturas linguísticas diferentes, como é o caso dos povos Sámi.

O aporte das fontes primárias no primeiro capítulo por North Henrik Janson é extenso, pois lida com escritos da antiguidade clássica até o medievo. Por causa da dimensão desse trabalho, que é monumental, esse é um dos capítulos mais extensos da primeira parte dessa coletânea, contudo, pela necessidade de apontar as fontes e as dimensões de sua escrita, é um capítulo que por vezes pode ter um caráter mais enciclopedista ou narrativo, que crítico. Certamente entre as fontes que são mencionadas exaustivamente em pesquisas de Religião

---

IFCH-UNICAMP - MODERNITAS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6559-4204>; e-mail: [meninivitor@gmail.com](mailto:meninivitor@gmail.com).



Nórdica Antiga, como a *Germânia* de Tácito, ou *Os Feitos Dos Bispos da Igreja de Hamburgo de Adão de Bremen*, recebem uma discussão interessante que desafiam concepções já naturalizadas, em especial quando relacionados aos diferentes nomes de deuses e de ritos mencionados e que eram identificados como equivalentes.

Uma aproximação parecida, mas centrada nos textos Anglo-Saxônicos, pode ser lida no capítulo seguinte, escrito por Philip A. Shaw. Uma discussão muito salutar, utilizando como fio condutor duas homílias, por Ælfric e Wulfstan, na qual o autor nos convida a reler as menções a deuses e espíritos escandinavos a partir das rupturas e das transformações de diferentes fluxos culturais, onde as culturas germânicas, apesar de suas semelhanças linguísticas, podem ter uma definição amplamente diversa sobre as narrativas e elementos mitológicos. Para Shaw, é importante não negligenciar a transmissão das fontes primárias clássicas, a circularidade dessas narrativas dentro e fora dos espaços ocupados pelas sociedades anglo-saxônicas e de uma *translatio romana*, cujo o acesso de fontes escritas com a descrição dos deuses e espíritos escandinavos pode ter influenciado a escrita desse material eclesiástico.

Defendendo uma aproximação comparativa da cultura material e fontes escritas sobre costumes religiosos e espirituais na Escandinávia a partir do reconhecimento de dimensões de variações regionais que podem ser detectadas, não só materialmente, mas textualmente, em diferentes partes da Escandinávia (não só a influência celta na Noruega e Islândia, influência dos germanos continentais na Dinamarca, mas também em conexões com culturas urálicas e euroasiáticas), Thomas A. DuBois tece breves comentários sobre a importância de dar voz a populações que na Idade Média possuíam redes de influências culturais com os escandinavos germânicos, ao ponto de ser difícil traçar uma linha que delimitem os agenciadores e agenciados dessas redes, se é que essas dinâmicas permitam tais relações de poderes. Em especial, as relações com as populações finno-úgricas, sobretudo a influência dos Sámi em Hålogaland e Finnmark, não podem ser tratadas como mera absorção de uma cultura sobre a outra, mas como exemplos concretos de uma recepção e transformação dos elementos Sámi e Nórdicos.



As considerações sobre os contatos Celtas e Escandinavos escritas por Bernhard Maier, são limitadas ao contexto medieval e com aproximações simples, ainda que o autor reconheça os problemas que acompanham as concepções de espiritualidade e paganismo Celta, devida a complexidade que envolvem questões étnicas discutidas em âmbitos genéticos, materiais e identitários. Nesse caso, os contatos são limitados às regiões das Ilhas Britânicas e relegadas aos canais da visão cristã, quando mencionados, pela razão justificada de falta de fontes escritas que tornam qualquer análise dessa relação complicada desde a gênese dos fragmentos aos quais temos acesso. Essas considerações representam sérios obstáculos para a concepção de um entendimento da recepção de uma dita espiritualidade celta advinda da Irlanda, Escócia, Gales ou Ilha de Man, sobre a Religião Nórdica Antiga, que além de raras, não oferecem pontos de reflexão tão necessários para os achados arqueológicos nas regiões mencionadas.

O oposto pode ser examinado nas considerações sobre as interações com a Mitologia e a Religião Nórdica Antiga pelos antigos Rus' em um capítulo que sem dúvida é uma das melhores contribuições desse volume, escrito em parceria por Vladimir Ja. Petrukhin e Tatjana N. Jackson, inclusive o único da primeira parte desse volume a tentar relacionar criticamente a recepção e as interações religiosas entre os eslavos e os nórdicos, não apenas nas fontes textuais, mas também com a cultura material. Uma das grandes contribuições importantes para os pesquisadores que porventura se dedicarem a ler esse capítulo, são os paralelos entre os motivos literários que guiam a escrita das fontes eslavas e islandesas antigas, excepcionalmente o caso de irmãos estrangeiros que se tornam reis ou governantes, os funerais de líderes com nomes germânicos (Igor – Yngvarr, Rjurik – Hrœrekr, Sineus – Signjótr, Truvor – Þórvarðr), seguidos pelas vinganças das viúvas desses falecidos líderes.

Os exemplos da cultura material indicam uma continuidade ao culto ao deus *Þórr*, expressos em símbolos marcados em moedas, grafites rúnicos e pingentes que são tradicionalmente associados a esse deus, transições de ritos funerários observados nos sítios arqueológicos em que é possível examinar a semelhança desses costumes com os observados na Escandinávia, e inclusive o depósito de patas de ursos de cerâmica, um costume que pode ser encontrado não só na porção norte do Volga, portanto uma conexão forte com os costumes



funerários germânicos, mas também com os costumes de culturas euroasiáticas (lembremos aqui das interações Finno-Úgricas) e também uma associação com o culto ao deus *Volos*, portanto o urso aqui representaria um ponto em comum entre diferentes culturas.

Por fim, no último capítulo da primeira parte deste volume, Jan Retsö faz uma recapitulação das produções acadêmicas e das principais fontes sobre a percepção dos ritos nórdicos a partir das fontes árabes, discutindo com especial atenção as transmissões dos termos e das principais obras referentes a esse tópico. As principais definições dos povos nórdicos nessas fontes são *majūs*, *urmān*, *warank* e *rūs*, ou *rūsiyyah*, e entre os cronistas mais citados, com certeza nomes conhecidos por escandinavistas como Ibn Faḍlān, Ibn Rustah e Ibn Baṭṭūṭa se juntam a outros que talvez sejam menos vistos aos olhos dos leitores ou pesquisadores que não possuam uma intimidade com essa documentação. Retsö realiza um trabalho muito interessante em mostrar as conexões documentais e a transmissão (ou a recepção, como indica o título) dos manuscritos que são atribuídos a esses cronistas árabes.

Como mencionado anteriormente, as duas primeiras partes foram escritas em uma dinâmica de espacialidade, de modo que em sequência nos é apresentada uma visão interna da produção de escritos dos próprios escandinavos sobre si mesmos e de seu passado. Essa segunda parte contou com uma subdivisão organizada entre as percepções dos escandinavos sobre as religiosidades pré-cristãs que ali circularam e a recepção medieval das suas produções, especialmente nas sagas e Eddas.

O primeiro capítulo dessa segunda parte se inicia com o escrito de Mats Malm sobre os padrões eruditos acerca da história escandinava, a partir de padrões clássicos importados da Europa latina. O fio condutor, claro, é a conexão da literatura clássica (e aqui talvez a Eneida seja o ponto mais importante) e as biografias reais estabelecidas em poemas como o *Háleygjatál* e *Ynglingatál*, bem como conjuntos de sagas, como *Heimskringla* e *Skjöldunga saga*. Esse capítulo trata principalmente das representações desse passado através da migração dos deuses nórdicos a partir da Ásia, de forma a acomodar a história escandinava à história do passado clássico do qual a Europa Latina se via como herdeira.



O segundo capítulo, escrito por Annette Lassen, lida principalmente com a tradução, em diferentes níveis, dos deuses nórdicos à partir da perspectiva latina, não apenas de modo a torna-los cognoscíveis a outros leitores, mas também para explicar a existência, até pouco tempo, da existência de outras religiões (de modo que essa não é uma atividade apenas linguística). A menção à Torre de Babel como uma explicação da existência desses deuses da antiguidade clássica com outros nomes entre os nórdicos faz com que Lassen aponte outros esforços entre os teólogos medievais que apontaram outras possibilidades para a tradução desses deuses. Contudo, a Torre de Babel, como possibilidade teológica, encontrou seu caminho entre diferentes textos anglo-saxões e em nórdico antigo, incluindo os manuscritos da Edda em Prosa e deve ter servido de inspiração para a digressão evemerística que aí encontramos.

O terceiro capítulo, escrito por Margaret Clunies Ross, é um apanhado das reações da visão de mundo cristã a mudança de costumes espirituais entre os escandinavos, especialmente na representação de deuses e espíritos como demônios. Quando falamos de costumes, é como são encontrados nos manuscritos medievais os costumes religiosos pré-cristãos e a mudança religiosa, referidos como *inn forni* e *inn nýi siðr*, antigos e novos costumes. Esse tipo de observação é importante porque diz respeito à maneira como os escandinavos, sobretudo os islandeses, representam os seus próprios antepassados e as suas famílias, além das atitudes em torno de figuras que outrora eram consideradas sagradas. A demonização foi um dispositivo argumentativo importante para a continuidade dos agentes políticos que já atuavam na região, incluso aqui os reis missionários que mantinham relações familiares com monarcas influentes e não cristãos e - ao renegar esses antigos deuses, ou espíritos - os novos reis - chefes guerreiros, líderes regionais, passam a vencer um antigo mal que haviam enganado seus antepassados, independente do seu caráter.

O quarto e último capítulo da primeira metade dessa parte, escrita por Ármann Jakobsson, lida com a persistência de diferentes criaturas do imaginário islandês nos manuscritos escritos séculos depois da conversão da ilha. O texto é útil por dar vários exemplos do aparecimento dessas criaturas nas fontes e por nos descrever o contexto desses encontros. Ainda mais, a especulação sobre qual seria a reação da audiência ao ouvir esses





relatos, talvez seja igualmente precioso para os leitores que tenham curiosidade em estabelecer as relações entre as fontes primárias e o seu caráter oral.

A segunda metade dessa parte, como mencionado anteriormente, é uma sequência de capítulos alternados e escritos por Annette Lassen e Margaret Clunies Ross. O primeiro capítulo, de Annette Lassen, trata da recepção da Edda Poética no medievo e da formulação e transmissão de seus manuscritos. Esse capítulo não traz nenhuma informação nova aos pesquisadores já dedicados ao tema, mas é útil para aqueles que se interessam pelo tópico, tendo em vista que Lassen busca reunir aqui não apenas que outras obras referenciam elementos encontrados na Edda Poética, mas também as instituições religiosas que produziram esse material. O segundo capítulo de Annette Lassen nessa segunda metade é, de algum modo, uma continuação, focada na obra *Gesta Danorum* atribuída a Saxo Grammaticus. Aqui, Lassen analisa os elementos religiosos descritos por Saxo Grammaticus, mas levando em consideração os aspectos teológicos e a erudição que deve ter sido considerado na formulação dessa obra. Recomendamos efusivamente a leitura de ambos os capítulos tanto para os leitores que não conhecem a importância do tema, como aos pesquisadores que já possuem algum conhecimento, mas que possam, na leitura, rever tais informações.

O primeiro capítulo de Margaret Clunies Ross diz respeito aos usos poéticos do *Skáldskaparmál*. É um capítulo direto e que discute a recepção do conhecimento técnico e religioso em torno da composição dos poemas nórdicos pelos islandeses medievais. Sendo o conhecimento poético algo tão arraigado na visão de mundo pré-Cristã, sendo uma questão de prestígio em diferentes níveis do pensamento e sociedade nórdica, é interessante notar como se torna importante promover o domínio poético (e seus elementos que são, de fato, pré-Cristãos) mas pensando um novo conjunto de relações políticas e religiosas. Por fim, o segundo capítulo de Margaret Clunies Ross é um complemento à recepção dos elementos pré-cristãos de capítulos escritos anteriormente por diferentes autores (especialmente Annette Lassen e Ármann Jakobsson) e busca apresentar a representação desses elementos pré-Cristãos nas sagas islandesas, em especial nas *Íslendingasögur* e nas *Fornaldarsögur*, as sagas das famílias islandesas e as sagas fantásticas. Novamente, são capítulos que interessam tanto aos



pesquisadores já acostumados com essas fontes, como aos leitores menos experientes que por ventura tenham interesse no tema.

A terceira e quarta parte se concentram, *grosso modo*, no período da primeira Modernidade e são destoantes em escopo. Enquanto a primeira possui apenas dois capítulos, a segunda é composta por cinco. Antes de discutir cada seção das partes, vale apontar que os textos apresentados são baseados na escolha de personalidades específicas, o que não é um problema, mas implica numa série de escolhas - nem sempre apresentadas pelos autores - que, de alguma forma, excluem outros nomes relevantes. Já que não há uma introdução que consiga centralizar as discussões, muitos dos capítulos acabam tratando dos mesmos autores, o que confere a algumas seções um caráter de incompletude. Ademais, os Sámi (e outros povos fino-úgricos) aparecem apenas na seção 1.3 *Finno-ugric neighbours*. No entanto, sabemos que nos ambientes intelectuais escandinavos - especialmente a partir do XVII - pululam debates sobre essas religiões “não-nórdicas” entre letrados suecos inclusive como forma comparativa ao mundo nórdico. Como exemplos, temos Olof Rudbeck - citado tanto na seção 3.1 quanto 4.1 - e Johannes Schefferus, famoso por seu texto *Lapponia*: o primeiro tratado que lida, exclusivamente, com os povos da *Sápmi*.

Nesse mesmo sentido, o leitor especializado - que compõe o público central dessa edição - sentirá a falta de referências importantes para o período em questão. Entre elas, citamos o trabalho do historiador intelectual sueco Sten Lindroth *Svensk lärdomshistoria*<sup>4</sup> (História intelectual sueca) apresenta, com maestria e minúcia, o fértil ambiente intelectual cultivado na Suécia seiscentista (volume 2) e setecentista (volumes 3 e 4). Apesar das questões apontadas, precisamos sublinhar o esforço dessas seções em apresentar como, entre os séculos XVII e XVIII, letrados radicados na Escandinávia, leram, traduziram e interpretaram diversas das fontes associadas ao período pré-Cristão do Norte, assim como trata dos projetos políticos e estéticos - associados à invenção de uma História pré-Cristã - presente em muitos dessas personalidades.

---

<sup>4</sup> LINDROTH, 1975; 1978; 1981.





Mats Malm, professor de literatura comparada em Gotemburgo, abre terceira parte com um estudo sobre a recepção humanista na Escandinávia. O autor elenca diversas personalidades desse contexto, entre eles os suecos Olaus e Johannes Magnus, Johannes Loccenius, Olaus Verelius e os dinamarqueses Thomas Bartholin e Olaus Worm. Entre a especificidade de cada autor, Malm enfatiza que o reino sueco foi aquele que melhor explorou o “mito gótico”, isto é, que criou um passado glorioso e virtuoso a partir da leitura de um universo pré-Cristão (supostamente de origem gótica) de forma mais contundente. O exemplo que coroa esse *ethos* foi o professor upsaliense Olof Rudbeck. Malm demonstra como em *Atlantica*, Rudbeck mobiliza a religião como fonte histórica para reavaliar a História mundial. A partir de argumentos linguísticos e empíricos – com especial atenção à religião Pré-Cristã – Rudbeck revigora o mito platônico de Atlantis, aglutinando-o às descrições de Adão de Bremen sobre o templo de Uppsala. Esse novo goticismo, portanto, partia da premissa de que a Suécia era, de fato, o berço das civilizações; a própria Atlântida.

O debate sobre o universo Rudbeckiano é amplamente conhecido na Suécia e Malm traça, muito bem, a própria recepção desse arcabouço no século XVIII, especialmente quando cita a renascença nórdica “anti-Rudbeckiana”. No entanto, um problema que atravessa todo o capítulo é o que Malm considera ser um ímpeto *nacionalista*. Nesse sentido, o grande problema, aqui, é quando Malm trata do conceito sem nenhum tipo de qualificação, apenas juízos complexos e gerais. É claro que essa necessidade em justificar a relevância histórica desses potentados era fundamental entre os letrados desse período (e, aqui, voltamos a citar o *Lärdomhistoria* de Lindroth), mas Malm não explora muito bem as próprias formas e implicações que esses requisitos para que os cronistas conectem sua própria nação com culturas autorizadas, especialmente a história romana ou a história bíblica.

Malm apresenta, também, a figura de Arngrímur Jónsson, humanista islandês que, com seu trabalho tinha como tarefa corrigir e expandir a imagem contemporânea da Islândia, aduzindo os textos nórdicos antigos como fontes históricas de uma forma que seria decisiva para a historiografia nórdica. Jónsson é o grande gancho para o segundo item da parte três, intitulado *Humanismo Islandês*: um mapeamento minucioso dos letrados islandeses, desde a Reforma até o século XIX, e o interesse renovado na cultura, religião e mitos pré-Cristãos.

Annete Lassen procurou demonstrar como essas empreitadas acadêmicas, continuada ao longo de séculos, gestaram uma poesia (*rímur*) que imitava o estilo éddico antigo e compunha uma nova poesia mitológica. O capítulo é um voo panorâmico que cita diversos autores, seus principais trabalhos e a linha geral de seus argumentos. No entanto, Lassen – assim como Malm – não define explicitamente o termo *humanista*; categoria central de análise para essa narrativa. Além disso, a autora não considera o “fenômeno” humanismo islandês, isto é, não considera suas bases de erudição num sentido mais geral, cabendo ao leitor fazer algumas conexões, o que pode ser tarefa mais complicada para os não-iniciados.

A falta dessa conexão com o ambiente letrado islandês (até em sentido mais amplo, vinculado à Dinamarca, por exemplo) é percebido quando a autora passa a tratar dos antiquaristas do XVII e XVIII e o novo interesse na poesia éddica a partir de textos como o *Laufás Edda, Codex Regius* e novas composições do *Hávamál* e *Baldurs draumar*. A opção de Lassen é a de discutir as diversas palavras empregas e a forma textual desse reavivamento poético, e não do próprio solo intelectual que gestou esse tipo de interesse, demonstrado pela autora, pelas 37 cópias, durante um século, do manuscrito *Hrafnagaldur Óðins*. No entanto, Lassen discute, com propriedade, o fato de o poema ser uma invenção pós-medieval e, portanto, não pertencer à coleção de textos de Antigo Nórdico. A partir disso, a autora percorre um rápido caminho até o século XIX, onde encerra seu texto, e trata da popularidade do gênero *rímur* ainda no oitocentos. A grande tônica da seção, portanto, está vinculada à recepção, apropriação e invenção de uma “arte escáldica antiga” em que esse gênero de poesia se tornou uma expressão do humanismo e antiquarianismo islandês.

O primeiro capítulo da quarta seção, de lavra da organizadora do volume, estabelece o diálogo entre os textos anteriores e posteriores e, de forma indireta, é quase que uma introdução. Margaret Ross preocupou-se em discutir o contexto do fenômeno da Ilustração e o delineamento de campos modernos como 'política, filosofia, religião, ciência e artes'. A partir disso, a autora discute como, enquanto premissas metodológicas, a ilustração passou a analisar o material em Antigo Nórdico e a religião e mitologia pré-Cristã do Norte. Assim como na terceira seção, não há uma definição clara do que se entende por Ilustração (*Enlightenment*), o que pode ser considerado um pequeno deslize, levando em consideração a grande quantidade

de trabalhos que já refletiram sobre isso e a necessidade de evitar alguns essencialismos e generalizações.

Ross é autora, também, do capítulo que discute a proposição de uma nova estética e um conceito de sublime vinculado ao Norte, tendo a figura do bardo como o detentor de uma imaginação fundante desse *sublime*. A partir de uma discussão da própria redefinição desse conceito, Ross rastreia como, em fins do XVIII e no XIX, as discussões sobre os méritos da literatura e da arte dependiam – enquanto objeto e expressão estilística – de referências advindas da Europa pré-Cristã, em especial aos heróis escandinavos, e não do mundo clássico.

Julia Zernack fornece uma discussão sobre a ideia de *liberdade* e sua associação com o Norte, em especial, as religiões pré-Cristãs. Nesse sentido, a autora identifica o conceito de liberdade como um dos estereótipos fundamentais associados aos povos germânicos, em especial aos vikings e o fato dessa ideia ter acompanhado muitos movimentos nacionalistas do oitocentos<sup>5</sup>. O aspecto central do texto é a noção de liberdade atrelado à teoria do clima e a influência dos fatores externos na constituição do povo. Assim, o Norte é visto como o polo de uma dicotomia assimétrica (liberdade *vs* absolutismo). Autora conclui que esse resgate do "Norte livre" é, no fim, o resultado de uma esquematização (simplificada) e anacrônica. A partir da reconstrução dos elementos religiosos e mitológicos antigos, criou-se um caldo que buscava conectar essa cultura liberal - em ebulição entre os séculos XVIII e XIX - com a dos povos antigos do Norte. Identificados como elementos de contracultura, religião e mitos antigos passam a fazer integrar o cenário político daquele que evocavam o léxico da emancipação como sinônimo de liberdade, mesmo que utilizado para fins antiliberais.

Lars Lönrroth, no capítulo quatro, continua a discussão iniciada por Mats Malm sobre o Rudbeckianismo, em especial a “reação ilustrada” às proposições do upsaliense. Lönrroth identifica Olof Dalin e Andrew Ramsay como dois dos responsáveis pela transformação das opiniões sobre a religião Antigo nórdica. Dalin, visto como símbolo ilustrado sueco, em seu *Svea Rikes Historia* (História do reino sueco), teria convencido seus admiradores de que ele era um historiador competente, com um bom conhecimento das fontes nórdicas antigas e dos

---

<sup>5</sup> O tema da liberdade em relação à invenção literária do viking no século XIX é tema de um artigo que sublinha a importância de Erik Gutaf Geijer nesse processo. Ver: LANGER; MENINI, 2020.



desenvolvimentos recentes nas ciências naturais. Andrew Ramsay, conhecido por seus romances educativos, fora responsável por difundir uma versão teísta e ecumênica dessas religiões antigas. Lönrroth buscou demonstrar como Dalin e Ramsay pavimentaram o caminho para a interpretação dos mitos nórdicos como símbolos do Cristianismo e da metafísica romântica oitocentista. Entre eles, a figura de Thor como algo próximo a Cristo articulado por letrados de outras regiões como a Alemanha, notadamente Johann Gottfried Herder em seu *Scandinavishe Weissagungen*, de 1806.

A última seção lida com o suíço Paul Henri Mallet e o impacto de sua *Histoire de Dannemarc*. Mallet fora apresentado na seção anterior por Lönrroth, especialmente pela apropriação de elementos trazidos por Olof Dalin. Assim, assentado nos ombros de Dalin, Mallet teria se tornado importante nome vinculado à recepção da religião pré-Cristã do Norte, assim como da mitologia e poesia antigo nórdica. Zernack apresenta a trajetória de Mallet como professor na Universidade de Copenhague entre 1752 e 1760 e o fato de ter sido comissionado para escrever sobre a História da Dinamarca, com especial ênfase à escala (e importância histórica) de sua monarquia. Enquanto um etnógrafo do Norte, Mallet parte da discussão sobre a origem da liberdade como condutor histórico. Além disso, a mitografia é encarada como Historiografia (o principal exemplo é a migração para a Escandinávia dos *Aesir*). Por fim, vemos que o suíço mobiliza, também, os argumentos da climatologia para descrever esse Norte virtuoso e livre.

Zernack descrê os dois principais “ecos” da obra de Mallet: sua tradução da *Edda* e sua *Historie*. Em primeiro lugar, a autora identifica a sobreposição entre “nórdica/germânica” e “celta” feita pelo suíço, uma ideia enganosa que, de alguma forma, tem impacto duradouro até o século XX. Em segundo lugar, a conexão entre a discussão política de seu tempo com os debates estéticos e sobre poesia escáldica. Nesse sentido, a tradução “nórdica” fora identificada como o monumento de um passado grandioso a ser explorado pelas reivindicações políticas contemporâneas (o romantismo nórdico). A noção de um passado “pró-nórdico” e, automaticamente, “anticlássico” é um ataque direto a setores políticos específicos da Dinamarca, tendo como pano de fundo a dicotomia “liberdade-despotismo”.



As partes cinco e seis tratam do pré-romantismo e do romantismo. Em 5.1, Sergej Liamin aborda a visão do romantismo alemão acerca da mitologia nórdica, fazendo uma breve análise do período que se estende de Herder a Heine. Então, ele aborda a mudança do discurso mítico historicista para uma teoria mais intuitiva do mito, com foco na tradição nativa e em contraposição à clássica, tão incentivada por Herder. A junção da recente descoberta, no século XVIII, da literatura medieval escandinava com a estética do sublime resultou em uma poesia cosmopolita que estava sempre a se referir às questões cosmológicas e étnicas. A libertação da sensualidade e a estética do gênio aplicadas às concepções de antiguidade nórdica e natureza cultivada produzem uma síntese que remete ao sentimento de união com o divino. O autor dá especial atenção às odes patrióticas de Friedrich Gottlieb Klopstock e à renovação criativa do tema da Edda por Klopstock. Assim, ele tece comentários sobre a influência dos poemas ossiânicos nessas obras. Ele também aborda a confusão - muito comum aos literatos e historiadores da época - nos entendimentos das culturas nórdica e celta. Ele explica como o mal entendido dos pesquisadores sobre as duas culturas teve consequências de problemas com memórias nacionais e sintaxes. Ele também oferece uma explicação muito bem documentada sobre as formações das novas nações e do nacionalismo, sobre o poeta moderno europeu que utilizou antigos contos e lendas - não de uma maneira puramente artística - mas de uma maneira patriótica. Para explicar melhor tal fenômeno, o autor disserta sobre como a literatura de Herder, de Heinrich Heine e de Hermann foram compostas para fins nacionalistas.

Em 5.2, Margaret Clunies Ross apresenta uma tradução do texto original em dinamarquês escrito por Lise Præstgaard Andersen. Tendo considerações sobre as poesias de Johannes Ewald e de Adam Oehlenschläger inspiradas pela mitologia nórdica; o texto aborda o pré-romantismo e a moral burguesa comum da época. Os símbolos usados pelos dois poetas, como o chifre, o sangue e o sol são discutidos; levando em conta a interpretação que tais poetas faziam da religião nórdica antiga e como tais convicções se tornaram estereótipos comumente usados na literatura. Em 5.3, Mats Malm disserta sobre as sinergias estéticas entre o romanticismo sueco e o gótico. Quando os aspectos estéticos da religião pré-cristã vieram a ser desenvolvidos durante o Iluminismo da Suécia, o ardor patriótico já havia diminuído. No entanto, o Romantismo proporcionou uma segunda onda de gótico, desta vez com um aspecto



mais cultural e - naturalmente - com menos inclinação historiográfica. O autor esclarece como escritores suecos deram espaço a anseios religiosos, sincretizando os deuses nórdicos com personalidades do cristianismo. Sendo assim, o mito nórdico pré-cristão era, em vários graus filosóficos, sugerido como um substituto para a mitologia clássica. Isso foi também em comparação com a religião cristã. As tentativas de lançar uma estética gótica, em vez da clássica, se estendida também às artes plásticas. O autor também aborda alguns pintores e autores suecos que promoveram tal movimento.

Em 5.4, Jan Ragnar Hagland aborda a recepção norueguesa em fins dos setecentos e início dos oitocentos. A Noruega estabeleceu sua própria constituição em 1814 e também o seu próprio idioma; estando toda a sua cultura atrelada a este fato histórico. A consequência disso foi que a Noruega não seguiu as tendências românticas gerais no que diz respeito à recepção das religiões nórdicas pré-cristãs. Hagland explica brevemente esta posição norueguesa de tentar definir uma tradição literária separada desde o início, sem necessidade de atribuição a algum nacionalismo, pois este teve seu próprio momento na Noruega. O autor detalha informações sobre A Sociedade Norueguesa, um grupo de jovens literatos noruegueses sitiados na Dinamarca, que iniciaram as publicações no novo idioma norueguês. O autor explica como a Sociedade iniciou os trabalhos tendo como inspiração a mitologia clássica, para muito depois a antiga mitologia nórdica ser aceita e explorada por seus membros.

Em 5.5, Sveinn Yngvi Egilsson fala a respeito do romantismo islandês e os antigos mitos nórdicos. O autor salienta que a mitologia nórdica antiga não só juntou os poetas escandinavos, mas também os dividiu, à medida que cada um tentava reivindicá-la como sua ou canalizá-la através de sua poesia; de tal forma que somente eles poderiam ser vistos como os verdadeiros herdeiros da ancestralidade nórdica. Ele sistematiza e resume as obras dos principais autores românticos islandeses, a saber: Bjarni Thorarensen, Jónas Hallgrímsson, Grímur Thomsen, Benedikt Gröndal e Gísli Brynjúlfsson. Sobre Bjarni Thorarensen (1786-1841), o autor enfatiza a importância da Edda na inspiração para sua poesia. Os primeiros românticos islandeses aludiram à mitologia nórdica antiga em suas obras, mas raramente dedicavam poemas inteiros a temas mitológicos. Eles eram bastante interessados na mitologia antiga, mas talvez as alusões mitológicas comuns dos poetas islandeses dos séculos anteriores os fizeram hesitar em usar ou reinventar os antigos mitos de uma forma extensa em suas



próprias obras. Sobre isso, o autor enfatiza que o romântico mais influente da Islândia, o poeta e cientista natural Jónas Hallgrímsson (1807-1845), criticou os poetas pelo que ele via como sua dicção sem inspiração e sem gosto, assim como seus *kennings* mitológicos. Grímur Thomsen (1820-96) tem sua obra valorizada pelo autor, principalmente por ter sido um grande estudioso de Byron e ter publicado suas ideias em dinamarquês, visando maior acessibilidade. O autor também sistematiza escritos relevantes de Thomsen acerca da mitologia nórdica, focando nas figuras dos deuses. Sobre Benedikt Sveinbjarnarson Gröndal (1826-1907), acadêmico e poeta, o autor enfatiza a sua prosa com interessantes cenários medievais nórdicos. O também acadêmico e poeta Gísli Brynjúlfsson (1827-88) é lembrado por ter escrito artigos e ensaios sobre política contemporânea na Europa. Indo de acordo com seus ensaios, sua poesia teve características de internacionalização, principalmente em diálogo com o as culturas do leste europeu; sendo este aspecto bem analisado por Egilsson. Ele conclui que o renascimento ou reinvenção da mitologia nórdica antiga desempenhou um papel importante no romantismo islandês, embora limitado pela visão crítica e internacionalista de seus literatos.

Em 5.6, Heather O'Donoghue fala sobre a presença da mitologia nórdica no romantismo inglês. Argumenta que, já no início do século XVIII, a estética do sublime já permeava a literatura inglesa como percussora do romantismo. O fato se traduziu pelo resgate da poesia do passado, a exemplo da Edda e dos temas nórdicos antigos. Ela analisa o trabalho de poetas como Thomas Gray, Coleridge e Robert Southey. Temas rúnicos também foram bastante explorados pela literatura romântica britânica, pois alguns autores os colocavam nas traduções da Edda.

Em 5.7, Julia Zernack apresenta a tradução do texto original em alemão de Matthias Ammon, que aborda renascença nórdica na Rússia e na Polônia. O texto aponta que o interesse polonês e russo muito tem em comum com os objetivos dos interesses alemão, dinamarquês e inglês. Pois são publicadas traduções russas e polonesas do relato francês setecentista da pré-história nórdica de Paul Henri Mallet. Em ambos os países, foi dada atenção especial para a antiguidade nórdica, sua religião e sua poesia. Isso é expresso, por exemplo, por meio de traduções de poemas éddicos e escáldicos, como também por meio de empréstimos literários da mitologia nórdica. No romantismo polonês, isso culmina em uma expressão poética que apresenta vários pontos de contato com as fantasias a respeito do norte que foram geradas





pela imaginação romântica europeia. O texto ainda aborda a segunda virada modernista em direção à cultura nórdica, na Polônia, que apenas raramente ainda se baseia na mitologia e religião nórdicas antigas, mas aborda proximidades entre pertencimento cultural e identidade nacional.

Em 5.8, Julia Zernack entrega outra tradução de um texto original em alemão de Matthias Ammon, desta vez sobre a recepção internacional do poema éddico *Baldrs draumar* (em tradução livre para o português: Sonhos de Balder). O texto informa que o poema pertence a uma camada de obras mais recentes da poesia nórdica antiga e provavelmente não foi composto antes do século XII. Por muito tempo, no entanto, ele foi considerado muito antiga e foi visto como uma fonte autêntica da cultura pré-cristã do norte da Europa. No romantismo, este poema foi traduzido e adaptado mais do que quase qualquer outro poema éddico: em latim, inglês, alemão, dinamarquês, russo, sueco e francês. Algumas dessas adaptações, por sua vez, influenciaram as artes visuais, que no início do período romântico esboçaram a representação visual dos mitos nórdicos antigos pela primeira vez, usando cenas e motivos de *Baldrs draumar*, como as pinturas de William Blake e Henry Fuseli. Após o século XIX, o interesse diminuiu rapidamente, provando que *Baldrs draumar* tinha um apelo muito específico para um período. O texto conclui que *Baldrs draumar* provavelmente seria bastante conhecido entre as classes educadas europeias, pelo menos desde o final do século XVIII.

Na parte 6 do livro, composta pelos capítulos 6.1 e 6.2, encontramos resultados de pesquisas sobre a recepção dos temas nórdicos no drama e nas artes visuais, a partir do ano de 1750. No subcapítulo 6.1.1, Terry Gunnell as primeiras representações dramáticas da antiga religião nórdica. O autor argumenta, logo no início, que o drama pode vir a ser mais influente que a literatura para a formação de opiniões. Pois a narrativa dramática de eventos do passado também exerceu uma influência poderosa sobre como as pessoas entendiam aquele passado, não apenas em termos do que aconteceu, mas a forma como parecia ter acontecido de acordo com a mentalidade vigente. Gunnell explica que isso também se aplica à maneira como as religiões nórdicas e a mitologia nórdica foram apresentadas no palco ao longo do tempo. Na época, como agora, autores, diretores e outros empreendedores culturais estavam bem cientes das influências generalizadas que a mídia dramática poderia ter sobre o público local e internacional. O drama mais antigo a fazer uso de motivos relacionados à religião nórdica

antiga apareceu durante o final do Renascimento na Suécia. Pretendia ser o primeiro de uma série planejada de cerca de cinquenta dramas concebidos para informar o público sueco sobre sua ancestralidade. As peças tiveram muita influência dos textos ossiânicos e das relações entre a realeza contemporânea. Poucas das obras posteriores colocam qualquer foco em aspectos relacionados à religião ou mitologia nórdica antiga, além da menção ocasional dos deuses para fornecer uma variedade histórica.

No subcapítulo 6.2.1, Inga-Lena Angström Grandien apresenta uma tradução a partir do original em sueco escrito por Bo Grandien, sobre pintura e escultura na Dinamarca. Dois dos artistas mais importantes envolvidos foram o escultor Johannes Wiedewelt e o artista Nicolai Abildgaard, que, além de seu interesse pelo neoclassicismo, foi um dos primeiros artistas a se apaixonar pelo Romantismo Ossiânico. Adam Oehlschläger também respondeu positivamente à questão do prêmio da Universidade com o argumento de que a mitologia nórdica não era tão banal quanto a da antiguidade clássica. Ele defendeu a ideia de que, como ela emanou do próprio país e, seria mais adequada como tema de poesia nacional. Os sentimentos patrióticos que haviam sido despertados nos dinamarqueses pelos eventos políticos e militares do início do século XIX fornecem um importante pano de fundo para o crescente interesse pelos temas nórdicos e pela mitologia nórdica. No texto, são bastante abordados os conflitos geopolíticos, que influenciaram a arte, esta que muitas vezes esteve a serviço das ideologias. A segunda pessoa a dar um novo ímpeto ao interesse pela mitologia escandinava no início do século XIX foi o poeta e religioso N. F. S. Grundtvig. Eventos externos o influenciaram profundamente, fazendo-o expressar seu desespero com a falta de espírito de luta e seriedade patriótica de seus compatriotas. O interesse pela literatura nórdica antiga também influenciou a ilustração de livros. Neste caso, a tinta preta é dramaticamente destacada contra o papel branco, que em muitos lugares foi deixado intocado. Não existem ambientes de fundo, apenas figuras, que, com o auxílio dos movimentos e da linguagem corporal, criam uma vida intensa e uma caracterização psicológica. É uma forma totalmente moderna de trabalhar, sem conexões com a forma narrativa detalhada do século XIX.

No subcapítulo 6.2.2, Inga-Lena Angström Grandien também apresenta uma tradução a partir do original em sueco escrito por Bo Grandien, agora sobre pintura e escultura na Suécia. Os primeiros trabalhos que deram inspirações românticas mostraram a intenção de

mostrar a cultura nórdica tendo uma conexão estreita com a antiguidade clássica. Esta perspectiva atingiu seu clímax no trabalho de Olof Rudbeck, que identificou a península escandinava não apenas com a terra dos hiperbóreos, mas também com a Atlântida submersa de Platão. A Suécia foi assim transformada na fonte de todo o cultivo humano, de música e poesia, de astronomia e medicina. A arte de escrever as runas também foi atribuída aos atlantes. Desta Atlântida - Velha Uppsala - os deuses da antiguidade e do Oriente emigraram. Assim, os deuses da mitologia nórdica e do mundo clássico puderam, portanto, ser tecidos juntos. Tais fantasias grandiosas da história nórdica tiveram desprestígio no início do século XVIII, simultaneamente com o fim do período da Suécia como grande potência. A atitude em relação ao passado mudou seu caráter. O patriotismo exagerado não se encaixava no mundo mais sóbrio do Iluminismo, no qual a escrita da história dava maior ênfase às vitórias da razão, virtude e moralidade humanas e ao progresso da cultura da escuridão para a clareza. Durante a segunda metade do século, as ideias do pré-romantismo também alcançaram a Suécia, pois uma nova imagem ideal dos primeiros habitantes do Norte começou a emergir, não mais como conquistadores do mundo, mas como uma raça simples e genuína, corajosa e trabalhadora, endurecida por um clima severo. Às vezes, qualidades morais foram sublinhadas, às vezes físicas - e sempre em contraste com as pessoas emaculadas e depravadas de hoje. Especialmente favorecida foi a imagem do agricultor nórdico livre e independente, que tinha uma mão no arado e a outra na espada, pronto para defender sua terra. Embora esses assuntos se mostrassem capazes de estimular tanto a literatura quanto a pesquisa histórica, as circunstâncias para as artes visuais eram mais complicadas. Nesse campo, a Sociedade Gótica também defendeu uma arte nacional inspirada no passado nórdico e sua mitologia, mas as dificuldades mais uma vez residiam na questão de como era esse mundo passado. Adagas de pederneira, machados de barco, escudos da Idade do Bronze e navios-dragão são assim representados, focando em mais adequadamente representar o passado, mas sem se intrometer no todo artístico. Centenas de esboços foram salvos do processo de trabalho, mostrando com que cuidado os artistas tentaram entrar no passado distante que queriam retratar.

No subcapítulo 6.2.3, Inga-Lena Angström Grandien agora apresenta uma tradução a partir do original em sueco escrito por Bo Grandien, sobre pintura e escultura na Noruega. Em



meados do século XVIII, a história dos reis da Noruega, de Snorri Sturluson, *Heimskringla*, tornou-se uma leitura popular. Para a Noruega, a era da Era Viking e da independência medieval, que se estendeu do nono ao final do século XIV, quando a união com a Dinamarca acabou com o autogoverno, foi a época que os noruegueses buscaram inspiração na batalha pela libertação nacional. Durante sua idade de ouro, a Noruega foi um poderoso império marítimo, que passou a incluir a Islândia, a Groenlândia e as Ilhas Orkney e Shetland. O fato de a cultura islandesa ter emanado da Noruega foi especialmente enfatizado. Por que vemos tão pouco disso nas artes visuais - em contraste com a literatura - no século XIX? Uma resposta é que a Noruega, ao contrário da Dinamarca e da Suécia, não tinha tradição de pintura histórica. A isso se acrescenta que no início do século o país não tinha tradição própria nas belas-artes. Em vez disso, as paisagens de Johan Christian Dahl e as representações da vida folclórica de Adolph Tidemand passaram a servir de orientação para os artistas. A representação de temas específicos do mito nórdico antigo na arte norueguesa do século XIX é relativamente rara em comparação com a frequência com que temas históricos do passado da Noruega são representados. Como foi o caso na Dinamarca e na Suécia, os ilustradores de livros noruegueses fizeram uso importante de motivos de fontes nórdicas antigas durante o final do século XIX e início do século XX. Mais uma vez, porém, os temas históricos tiveram precedência sobre os estritamente míticos ou religiosos.

Em 6.2.4, Sarah Timme escreve sobre pintura e escultura no território germânico, de 1750 até o começo do século XX. A autora explica que o único texto conhecido sobre este tema é o de Paul Herrmanowski, publicado em 1891. Ela analisa a obra e explica como a mesma é uma importante fonte primária sobre o tema. Ela também esclarece que, ao pesquisar a influência das religiões nórdica pré-cristãs nas artes visuais, não é apenas a mitologia que é relevante, mas igualmente o contexto da iconografia cristã; pois a ela pertencem imagens que retratam a cristianização das regiões germânicas, bem como visualizações de ritos ou monumentos pré-cristãos. A autora utiliza várias ilustrações oitocentistas para discutir o tema e faz um paralelo com o trabalho de Herder e sua influência nas artes. Acerca da segunda metade do século XIX e entrada do século XX, a autora lembra que a recepção visual da religião e mitologia nórdica pré-cristã começa a se estabelecer no contexto das narrativas míticas, frequentemente usadas em programas iconográficos abrangentes de decoração de edifícios



públicos ou privados. Isso se correlaciona com o fato de que a mitologia nórdica foi cada vez mais entendida como germânica, o que possibilitou a funcionalização das histórias em um contexto político nacional alemão, em contraste com o interesse estético que predominou em obras anteriores.

Em 6.2.5, Margaret Clunies Ross escreve sobre as artes visuais na Bretanha. Para melhor ilustrar o assunto, ela utiliza uma grande variedade de imagens no decorrer do texto, como, por exemplo, obras de William Blake e Richard Doyle. A primeira parte decorre sobre a recepção dos antigos mitos nórdicos pelos pré-românticos, quando da tradução de Thomas Gray da poesia nórdica e pinturas inspiradas nela. Depois, ela continua o tema falando sobre a relação entre o romantismo britânico e a mitologia nórdica, dando ênfase aos trabalhos pré-rafaelitas e suas inspirações e imitações da arte medieval no contexto nórdico. Em seguida, a autora aborda o tema de fadas, duendes e outros povos pequenos; que expõe a atenção dada pelos artistas aos seres folclóricos de aparecem nas Eddas e nas sagas, às vezes sendo confundidos com o próprio conteúdo folclórico britânico, escocês e irlandês. A autora também aborda as aparições dos antigos mitos nórdicos em ilustrações de livros, destacando que é possível notar tais trabalhos em narrativas de viagem, traduções da Edda para o público infantil e publicações de mitos adaptados para crianças. Por último, a autora aborda a grande contribuição das obras em aquarela de Collingwood, de cunho pré-rafaelita.

As partes 7 e 8 do livro formam os capítulos de encerramento desta grande obra que traz tantas pesquisas inéditas e necessárias para o estudo da recepção do nórdico no mundo ocidental. Na parte 7, Margaret Clunies Ross entrega o texto “Habilitando a filologia: Condições prévias essenciais para uma recepção acadêmica das religiões nórdicas pré-cristãs”. Assim, ela discorre sobre a importância dos estudos literários, da arqueologia e da linguística no processo de evolução acadêmica sobre o tema. Ela também lembra que, embora a linguística comparada tenha iniciado os trabalhos no século XVIII, na exploração das conexões culturais indo-europeias, o estudo comparativo das religiões e mitos pré-cristãos europeus não ficou muito atrás e forneceu um campo rico para apropriação indébita cultural durante o século XIX e além.

Na parte 8, Flemming Lundgreen-Nielsen apresenta um texto que é uma verdadeira ode à memória de Nikolai Frederik Severin Grundtvig (1783–1872), ressaltando sua



importância para a construção da identidade nacional dinamarquesa, com seu trabalho na educação, na política, na música e na literatura. Tendo trabalhos de caráter cristão protestante, Grundtvig deu continuidade à tradição escandinava que utilizava antigos mitos nórdicos e lendas sobre deuses nativos e lendários heróis nacionais, começando com Saxo Grammaticus e Snorri Sturluson no início do século XIII e continuando com os estudiosos humanistas do século XVII.

O livro, como um todo, é uma extensa fonte de conhecimentos atualizados sobre as antigas religiões nórdicas. Uma obra-prima do século XXI sobre o tema que deixa um legado de valor inestimável para gerações futuras de pesquisadores e apreciadores das culturas escandinavas. A atenção especial dada à recepção artística e literária é fundamental para que os pesquisadores mais jovens se sintam incentivados a continuar o trabalho e entendimento das interpretações sobre o nórdico através dos séculos. Dessa forma, os leitores podem reavaliar o que sabemos sobre religiões nórdicas antigas.

#### **Referências Bibliográficas:**

LANGER, Johnni; MENINI, Vitor B. A invenção literária do nórdico: Vikingen (O Viking), de Erik Gustaf Geijer (1811). In: *Scandia Journal of Medieval Norse Studies*, v. 3, 2020, pp. 709-738.

LINDROTH, Sten. *Svensk lärdomshistoria* – volt. 2. Estocolmo: Norstedt, 1975.

LINDROTH, Sten. *Svensk lärdomshistoria* – volt. 3. Estocolmo: Norstedt, 1978.

LINDROTH, Sten. *Svensk lärdomshistoria* – volt. 4. Estocolmo: Norstedt, 1981.